

Álvaro Seça\*

## Contra a extinção na terra

(*leitura — east hastings de GY!BE ou night de ludovico einaudi ou*)

e já as árvores secarem e erodirem  
e os glaciares derreterem e remarcarem os solos  
e a reforma das superfícies apagando a geometria humana  
nos longos estuários secos e abertos em leque  
e as cordilheiras rugosas em anfiteatro  
torneadas por bravos cumes longilíneos  
como caudas de raposa a pousarem sobre os veios lentos  
e luminosos do leite onde já houve um rio e muitos afluentes  
e o redesvio do deserto a alastrar-se voraz  
pela terra iriada onde já houve cruzamentos  
e autoestradas sistemáticas carros formigantes e espessos aeroportos  
portos acesos por contentores triunfais e pessoas  
em desespero construindo mais uma pirâmide

lá em baixo naquele planeta árido  
já houve poesia trocada a beijos — os rostos silvados a prazer  
pessoas a desfolhar-se em risos amplos sobre a noite bêbeda  
uma tosse primitiva e os peitos rachados por contrabaixos  
já houve garfadas tenebrosas com malagueta e mel  
cobertores estendidos sobre a praia as cabeças carecas ao vento  
  
uma clavícula roubando um olhar e um ombro nu sem carícia  
crianças a nascerem aos berros árvores fluorescentes  
colibris bebendo só de coloridas flores  
e lagos de agrião salpicados de ouriços  
já houve saxofones vibrando contra as ondas da manhã  
uvas maduras espremidas contra o palato  
cartas escritas por debaixo da mesa de metal  
corpos rebolando pelas brasas de uma gruta  
oliveiras cruas morangos gostosos e figos debicados  
já houve cabelos negros esbranquiçando abraços e filhas  
e filhos muitas filhas aos saltos começando a falar  
já houve nozes quebradas dentro de um veleiro de sol dulcíssimo  
palavras irrepetíveis encostadas a um ouvido  
esquilos frenéticos rolando sobre abacates

peessoas imitando pinguins — um parceiro para sempre  
já houve passeios demorados pelos arbustos das falésias  
e cegonhas antiquíssimas entornando cana no café  
já houve ríspidas frases sobre o acento de um nome  
já houve livros na neve carentes de um leitor  
já houve danças concêntricas com suor e batuques  
películas de orvalho entoadas sobre os nossos pés  
algas salgadas e líquenes claros como as manhãs  
já houve sobremesas — crianças trepadeiras  
e raízes suspensas nas retinas em fogo

lá em baixo naquele planeta já houve  
a tua cara e a minha frente a frente salivando

lá em baixo naquele planeta árido

(pensa nisso)

já houve vida e muito amor

## NOTA

\* Álvaro Seïça é um escritor e investigador português residente na Noruega. Os seus livros incluem *Onda desobediente* (2024), *Supressão* (2019), *Upoesia* (2019), *Previsão para 365 poemas* (2018), *Ensinando o espaço* (2017), *Ö* (2014) e *Permafrost* (2012). Comissariou o festival “Erase!” (2021) e coordenou a coleção de 25 volumes “Biblioteca da Censura” (2022-24). Cooordenou a exposição e catálogo *Obras Proibidas e Censuradas no Estado Novo* (2022) na Biblioteca Nacional de Portugal. Website: <https://alvaroseica.net>

Este poema faz parte integrante do livro *Onda Desobediente*, de Álvaro Seïça (Não Edições, 2024), e é aqui publicado por cortesia do autor. Mais informações em: <https://naoedicoes.tumblr.com>